



## **APEGO INFANTIL E DESENHO DA FAMÍLIA: ESTUDO DE AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Mônica Franciele da Silva <sup>1</sup>  
Antonio Roazzi <sup>2</sup>

### **RESUMO**

O Apego é definido como um vínculo emocional construído entre a criança e a figura cuidadora – que geralmente é a mãe – com base em suas primeiras experiências relacionais. Desse modo, tais vivências, que podem ser predominantemente positivas ou negativas, embasam a qualidade da formação de representações mentais na criança tanto sobre si mesma, como sobre a figura de apego e sobre os demais. No entanto, considerando a escola como espaço privilegiado para novas vivências sociais e emocionais, acredita-se que é possível uma reorganização afetiva e cognitiva das crianças oriundas de ambiente familiar com laços fragilizados. Portanto, o objetivo deste estudo foi avaliar o Padrão de Apego de uma amostra infantil através do desenho da família, tecendo a importância desse recurso para pensar o desenvolvimento de competências socioemocionais mediadas pelo professor no âmbito escolar. Para atingir tal propósito, foi engendrado um estudo de abordagem quantitativa com 33 crianças, com idades variando entre 4 e 11 anos, residentes da Região Metropolitana de Recife. Solicitou-se às crianças que respondessem ao *Separation Anxiety Test* e desenhassem a sua família, em seguida, os desenhos foram submetidos à análise de sinais indicativos dos diferentes Padrões de Apego. Os resultados indicaram que a técnica projetiva do desenho da família se apresenta como confiável para identificação dos Padrões, em que do total de crianças, 13 apresentaram Apego Seguro, 11 o Inseguro-Ambivalente e 9 apresentaram o Padrão Inseguro-Evitante. Diante disso, discute-se a importância do método e suas implicações no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Apego, Crianças, Desenho da Família, Escola, Professor(a).

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta o processo de avaliação do Padrão de Apego infantil através da representação gráfica da família, discutindo a importância de repensar a escola como espaço para além da transmissão de conteúdos didáticos, englobando técnicas que visem o desenvolvimento de competências socioemocionais.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [monica.psi2@hotmail.com](mailto:monica.psi2@hotmail.com);

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor (D. Phil.) em Psicologia do Desenvolvimento Cognitivo, University of Oxford, [roazzi@gmail.com](mailto:roazzi@gmail.com).

Este artigo é um recorte da dissertação de Mestrado Acadêmico em Psicologia Cognitiva – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) intitulada “Estilo Parental materno, Apego infantil e Julgamento Moral de crianças sobre qualidade da ação infantil e justiça materna”, sob financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



O Apego é definido como um vínculo afetivo construído entre a criança e a figura de apego, que geralmente é a mãe (AINSWORTH et al, 1978). Essa construção é pautada na consistência ou não dos cuidados maternos nos primeiros anos de vida da criança, que baseia a formação de representações mentais (Modelo Operacional Interno - MOI) que esse infante terá sobre si, sobre a figura de vinculação e sobre os demais. Portanto, a função inicial do MOI é interpretar e prever o comportamento da figura de apego em situações que a segurança da criança está ameaçada, orientando-a no desenvolvimento de estratégias para contorná-las e na sua desenvoltura no meio social (BOWLBY, 1982/2015; ATTILI, 2001).

É notável a constante realização de pesquisas sobre a influência dos genitores no desenvolvimento cognitivo-emocional dos filhos à luz da Teoria do Apego, por exemplo: Attili, Vermigli e Roazzi (2012); Vasconcelos (2013); Bortolini e Piccinini (2015); Attili, Di Pentima, Toni e Roazzi (2018); Di Pentima, Toni, Roazzi e Attili (2018). O fundamento é que, na primeira infância – que compreende o período de nascimento aos seis anos de idade – os vínculos, cuidados e estímulos necessários ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e afetivas são responsabilidade primária da família (MACANA; COMIM, 2015).

No entanto, sabe-se que com a inserção da criança na Educação Infantil, a escola se assume como espaço privilegiado não somente para ampliação dos saberes sistematizados sobre as diversas modalidades da cultura, mas principalmente para vivências sociais e emocionais com os pares, professores(as) e gestores(as), que influenciam também no desenvolvimento das habilidades supracitadas. Alguns autores (SROUFE, 1983; MITCHELL-COPELAND; DENHAM; DEMULDER, 1997; PROSEN; PEGAR KUSCER, 2007; MATOS, 2013) postularam que sob a perspectiva da Teoria do Apego, o (a) professor(a) pode ser considerado(a) como uma figura cuidadora importante no contexto escolar, que ao assumir uma postura disponível, paciente e constante para a criança, tem potencial de intervir nas representações que essa tem sobre si e sobre os outros, refletindo em evoluções referentes à autoestima, comportamento e desempenho social disfuncionais do menor. Entretanto, é necessário um levantamento sobre as representações mentais já elaboradas pela criança, para que a intervenção, caso necessária, seja pontual e eficaz. Para tal, o desenho da família desponta como método simples e válido para acesso dos Modelos Operacionais Internos dos infantes.

Mediante o exposto, e considerando que a Educação Básica tem evoluído na compreensão acerca da dinâmica cognitiva-afetiva dos estudantes, acredita-se que a escola é o espaço ideal para aplicação de técnicas que visem o desenvolvimento da criança de forma holística. Sendo esse processo mediado e potencializado através da relação estudante-



professor(a), já que esse(a) último(a) pode se apresentar como figura alternativa de apego para a criança. Dessarte, o objetivo deste estudo foi avaliar o Padrão de Apego de crianças de uma escola pública através do desenho da família, tecendo a importância do método para pensar o desenvolvimento de competências socioemocionais mediadas pelo(a) professor(a). Posto isso, apresenta-se primeiramente a fundamentação teórica sobre o tema, em seguida, discorre-se sobre o método engendrado, os resultados obtidos e suas implicações educacionais, por fim, as considerações finais são apresentadas.

### **O Apego e sua avaliação**

A teoria do Apego foi inicialmente elaborada por John Bowlby (1907-1990), convicto de que muitos problemas mentais que se desenvolvem e persistem no indivíduo são oriundos de experiências de perda ou instabilidade dos cuidados maternos nos seus primeiros anos de vida. Com essa convicção, Klagsbrun e Bowlby (1976) desenvolveram um teste semi-projetivo, denominado *Separation Anxiety Test* (SAT), a partir da versão de Hansburg (1972), para medir as características de personalidade e os riscos psicopatológicos em crianças de 4 a 7 anos a partir das reações e respostas à separação hipotética dos pais (ATTILI, 2001).

Dois anos mais tarde, Ainsworth et al. (1978) publicaram um estudo de avaliação do comportamento de crianças durante o contato e separação com as mães, e inserção de uma pessoa desconhecida no ambiente experimental, denominado *Strange Situation*. Tal experimento permitiu identificar as diferentes representações mentais - *Internal Working Model* (IWM) ou Modelo Operacional Interno (MOI) – sobre a figura cuidadora que subjazem o comportamento dos infantes em situações de segurança ameaçada.

Por definição, o Apego é um vínculo afetivo construído nas relações da criança com a sua figura de apego, que geralmente é a mãe (AINSWORTH et al., 1978). Sendo essa construção pautada na consistência ou não dos cuidados essenciais, proteção e carinho provindos da mãe nos primeiros anos de vida do(a) filho(a), que são base para a formação do seu MOI. Conforme supracitado, o MOI é compreendido como representações mentais que a criança tem tanto sobre si mesma, quanto sobre a disponibilidade emocional – em situações de necessidade – da figura cuidadora e dos demais, orientando seu comportamento de interação e interpretação do mundo social (BOWLBY, 1982/2015; ATTILI, 2001).

Essas representações podem ser acessadas através do *Separation Anxiety Teste* (SAT)



modificado por Attili (2001)<sup>3</sup> para identificar o Padrão de Apego infantil, que pode ser: Seguro, Inseguro-Ambivalente e Inseguro-Evitante. Posteriormente, Main e Solomon (1986) apontaram um quarto Padrão, nomeando-o de Inseguro-Desorganizado.

Contudo, a técnica projetiva do “desenho da família” também se apresenta como válida para acessar as representações das crianças sobre as suas relações familiares, que devido ao seu caráter não-verbal, facilita a expressão de sentimentos e preocupações sem o uso das palavras, principalmente para as crianças menores (ATTILI; ROAZZI; TONI; DI GIANFELICE, 2011; DI LEO, 1973). Então, para identificação dos Padrões de Apego através desse método, pode-se utilizar o manual de codificação atualizado e expandido por Attili, Roazzi, Toni e Di Gianfelice (2011), que pontua os sinais específicos a serem analisados nos desenhos, postulados tanto por estudos anteriores (KAPLAN; MAIN, 1986; FURY et al., 1997; MADIGAN et al., 2003) como padronizados pelos autores. O esquema presente no manual é composto por duas categorias, uma dimensional e outra categórica. A dimensional abrange 8 aspectos, por exemplo “distância do self do centro da família” e “tamanho do self”. Já a categórica abarca 18 marcadores, a título de exemplo: “presença de barreiras entre as figuras”, “figuras com proporções próximas à realidade” e “figuras flutuantes”. Então, através do desenho da família é possível acessar de forma confiável qual dos quatro Padrões de Apego os estudantes apresentam.

De maneira breve, segundo Attili (2001), crianças com Apego Seguro se revelam confiantes e se consideram dignas de amor, tendo uma representação da figura cuidadora e os demais como dispostos a ajudar em caso de necessidade, revelando por trás, uma mãe que foi sensível às necessidades dessas crianças nas primeiras experiências relacionais. Crianças com Padrão Inseguro-Ambivalente têm uma imagem de si como intermitentemente amáveis, desprotegidas e inaptas a enfrentar dificuldades sozinhas, com relação à figura cuidadora e aos demais, representa-os mentalmente como imprevisíveis e sutilmente hostis, devido à inconsistência de cuidados oriundos da figura materna. Já as crianças evitantes, autorrepresentam-se como indignas de afeto, que devem confiar apenas em si mesmas, negando suas necessidades como mecanismo de defesa e encarando a figura de apego e os outros como ausentes em casos de necessidade, o que revela uma figura cuidadora que foi distante e insensível às necessidades dessas crianças. Com relação ao último Padrão descoberto, o Inseguro-Desorganizado, a autorrepresentação das crianças é múltipla e incoerente, pois se revela tanto como ameaçadora, quanto vulnerável, encarando a realidade como catastrófica, o

---

<sup>3</sup> A partir do modelo de Klagsbrun e Bowlby (1976) e dos experimentos realizados por Ainsworth et al. (1978) e Main e Solomon (1986).





que revela uma figura de apego que as assustou e maltratou.

Sabe-se que a entrada da criança na Educação Infantil pode significar a sua primeira separação dos vínculos familiares, contudo, pode ser encarada também como uma oportunidade para novas vivências sociais, que se saudáveis, podem auxiliar as crianças com Padrão Inseguro de Apego a construir significados positivos sobre si e sobre o mundo social. Desse modo, tais construções podem refletir em evoluções referentes à autoestima, comportamento e desempenho social do infante. Alguns autores (SROUFE, 1983; MITCHELL-COPELAND; DENHAM; DEMULDER, 1997; PROSEN; PEGAR KUSCER, 2007; MATOS, 2013) postularam que sob a perspectiva da Teoria do Apego, o (a) professor(a) pode ser considerado(a) como uma figura cuidadora importante no contexto escolar, que ao assumir uma postura disponível, paciente e constante para a criança, tem potencial de intervir beneficentemente no desenvolvimento das habilidades cognitivas e socioemocionais da mesma. O estudo de Matos (2013), por exemplo, evidenciou que a sensibilidade e disponibilidade da professora refletiu na construção de uma relação de base segura com os estudantes, sendo preditora de um bom desempenho em Matemática. Desse modo, a autora conclui que as relações de apego se apresentam como fator significativo a ser considerado para um bom desenvolvimento de habilidades escolares.

Essas considerações corroboram com as diretrizes curriculares estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – voltadas para a Educação Básica –, que ao reconhecer a dinâmica afetivo-cognitiva da criança, tão enfatizadas nas produções científicas, determina que o âmbito escolar deve ser inovador e visar o desenvolvimento humano de forma holística, em suas dimensões intelectual, física, moral, social e afetiva. Desse modo, a escola deve se configurar propícia para o desenvolvimento da criança, sendo palco de vivências sociais, exercício da autonomia, resoluções de novos desafios e construção de significados acerca de si e do mundo. Portanto, a Teoria do Apego desponta como um marco teórico-metodológico para se encarar a realidade das crianças e pautar planejamentos que visem o seu desenvolvimento pleno.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, com delineamento quase-experimental e de recorte transversal realizado em contexto escolar público. A amostra foi composta por 33 crianças da Região Metropolitana de Recife, de nível socioeconômico baixo, com faixa etária entre 4 e 11 anos (média= 7,70), sendo 45,5% do sexo feminino. Realizou-se



a seleção dos participantes através de amostragem não-probabilística por conveniência, contudo, resguardando os seguintes critérios: apresentar desenvolvimento físico e cognitivo típico – consoante com a idade cronológica – e residir com a mãe, que se assume como principal cuidadora da criança.

O material selecionado para a representação gráfica da família pelas crianças foi constituído por: folhas de papel sulfite A4, lápis grafite, lápis de cor, canetas hidrocor e borracha. Para caracterização da realidade familiar infantil, elaborou-se um Questionário Sociodemográfico composto por itens como “sexo” e “idade” da criança, “por quem seu (sua) filha foi criado(a) pela maior parte do tempo?”, bem como, “religião”, “status de relacionamento”, “nível de instrução obtido” da cuidadora.

Após a apreciação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, aprovado sob o CAAE de número 13666519.2.0000.5208, apresentou-se os objetivos e procedimentos metodológicos à direção da escola, com aceite registrado através da assinatura do Termo de Autorização da instituição. Em seguida, o projeto foi apresentado às mães, que autorizaram a participação dos infantes mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respondendo também ao Questionário Sociodemográfico. Posteriormente, a pesquisadora se reuniu com a cada criança em uma sala silenciosa e climatizada nas dependências da escola e solicitou que desenhasse a família através da seguinte instrução: “Tenho aqui, folhas de papel e lápis de cor. Gostaria que você desenhasse a sua família, pode ser? Fique à vontade para usar o que quiser”. Não foram impostas restrições de quaisquer natureza.

Após a realização das atividades com as crianças, as representações gráficas foram analisadas para identificação do Padrão de Apego através dos pressupostos teórico-metodológicos do manual de codificação atualizado e expandido por expandido por Attili, Roazzi, Toni e Di Gianfelice (2011). Os resultados foram comparados com os encontrados no SAT.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise dos desenhos da família elaborados pelas crianças, identificou-se que, do total de 33 crianças: 13 (39,4%) apresentaram Padrão de Apego Seguro, 11 (33,3%) o Inseguro-Ambivalente e 9 (27,3%) apresentaram o Apego do tipo Inseguro-Evitante. Os resultados por faixa etária são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Frequência dos Padrões de Apego da amostra infantil em função da faixa etária.

Faixa etária	Padrão de Apego	N	%
4 e 5 anos	Seguro	1	3,0
	Inseguro-Ambivalente	4	12,1
	Inseguro-Evitante	2	6,1
6 e 7 anos	Seguro	2	6,1
	Inseguro-Ambivalente	2	6,1
	Inseguro-Evitante	4	12,1
8 e 9 anos	Seguro	6	18,2
	Inseguro-Ambivalente	3	9,1
	Inseguro-Evitante	0	0,0
10 e 11 anos	Seguro	4	12,1
	Inseguro-Ambivalente	2	6,1
	Inseguro-Evitante	3	9,1
<b>Total=</b>		33	100

Fonte: Silva (2020, no prelo).

Conforme observado na Tabela 1, das crianças com 4-5 anos, 4 (12,1%) apresentaram o Padrão Inseguro-Ambivalente, 2 (6,1%) o Inseguro-Evitante e apenas 1 (3%) criança apresentou o Padrão Seguro. Considerando a faixa etária de 6-7 anos, 4 (12,1%) apresentaram Apego Inseguro-Evitante, 2 (6,1%) o Inseguro-Ambivalente e 2 (6,1%) crianças foram identificadas com Padrão Seguro. Com relação às crianças de 8-9 anos, 6 (18,2%) apresentaram Apego Seguro e 3 (9,1%), o Inseguro-Ambivalente. Das crianças de 10-11 anos, 4 (12,1%) foram identificadas como Seguras, 3 (9,1%) apresentaram Apego Inseguro-Evitante e 2 (6,1%), o Padrão Inseguro-Ambivalente.

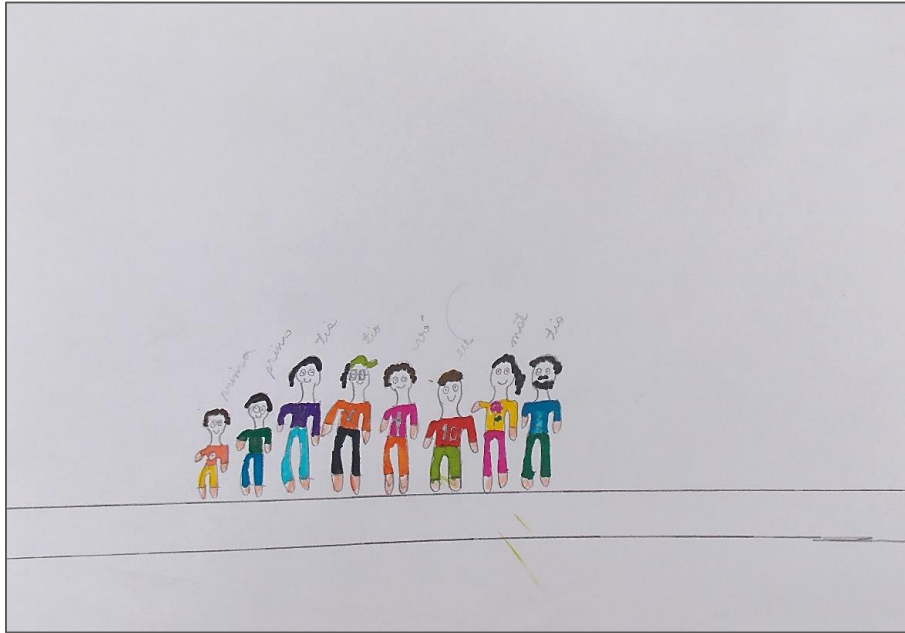
Os traços analisados na comunicação gráfica para a atribuição dos Padrões foram tanto de caráter dimensional (distância do self do centro da família, tamanho do self, etc.), como pertencentes à classe categórica (presença de barreiras entre os integrantes da família, figuras flutuantes, entre outros), segundo o manual de Attili, Roazzi, Toni e Di Gianfelice (2011). Para fins de demonstração, apresenta-se a descrição dos traços analisados nos desenhos elaborados por dois participantes do sexo masculino, um 11 anos de idade e Padrão de Apego Seguro (Desenho 1) e outro de 8 anos, com Apego Inseguro-Ambivalente (Desenho 2).

Mediante a análise do Desenho 1, pontuou-se que: o desenho ocupa aproximadamente 50% do papel, os integrantes da família estão apoiados no chão, a criança (com camisa vermelha e calça verde) se desenhou ao lado da mãe (com camisa amarela e calça rosa) e próxima do



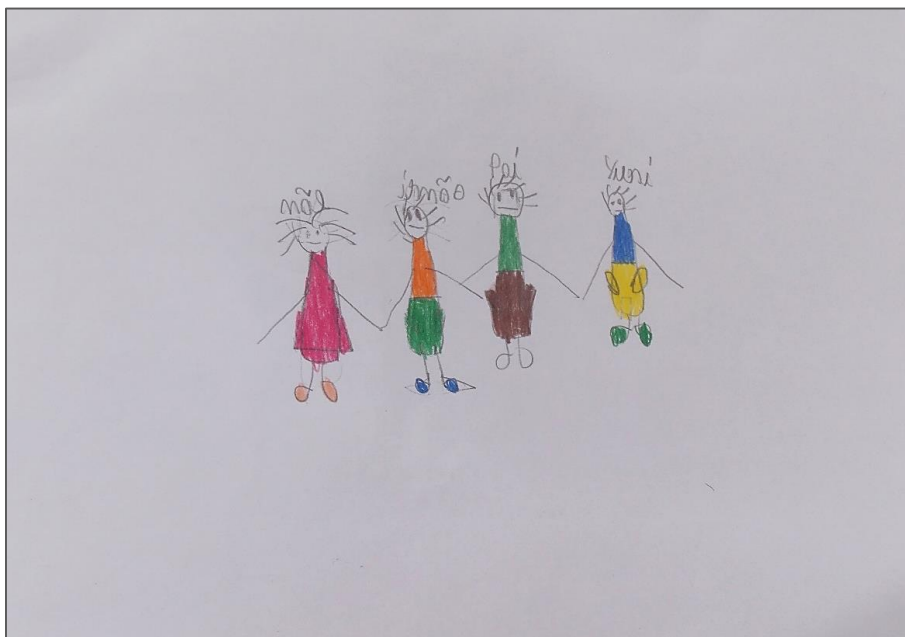
centro da página; os familiares foram diferenciados quanto ao gênero e tamanho; mãe feminizada; e expressões faciais positivas. Esse conjunto de traços evidencia um Padrão de Apego Seguro.

**Desenho 1** – Desenho da família elaborado por participante do sexo masculino, de 11 anos de idade e Padrão de Apego Seguro.



Fonte: Silva (2020, no prelo).

**Desenho 2** – Desenho da família elaborado por participante do sexo masculino, de 8 anos de idade e Padrão de Apego Inseguro-Ambivalente.



Fonte: Silva (2020, no prelo).





No que se refere ao Desenho 2, observou-se que: os integrantes da família foram representados como flutuantes e centralizados na página; a criança (com blusa azul e short amarelo) se desenhou próxima ao pai (blusa verde e short marrom) e distante da mãe (vestido rosa); personagens com dimensões similares, apenas a criança em tamanho sutilmente menor; há diferenciação quanto ao gênero; mãe levemente feminizada; e familiares com expressões faciais neutras. De acordo com o manual de Attili et al. (2011), esse conjunto de traços indicam um Padrão Inseguro-Ambivalente de Apego.

No tocante ao quantitativo amostral que apresentou Padrão de Apego Inseguro, considera-se que foi uma parcela significativa (N= 20) do total de 33 crianças. Portanto, percebe-se que o quão é necessário o fornecimento de subsídios teóricos e práticos para os educadores conhecerem a realidade das crianças que ingressam no contexto escolar. De acordo com Matos (2013), o papel privilegiado do(a) professor(a) como agente de mudanças repousa sobre o extenso contato que possui com a criança, podendo representar uma figura de confiança e proteção para a mesma, tendo forte influência sobre as questões afetiva e comportamentais da criança. Desse modo, Sroufe (1983) considera que esse(a) educador(a) auxiliar beneficentemente na alteração do MOI dos infantes, pois se os mesmos não esperam que as pessoas lhe sejam disponíveis, ele(a) pode assumir uma postura disponível, paciente e constante para esses menores.

O estudo de Pereira et al. (2009) desenvolvido com crianças de 3 a 6 anos institucionalizadas em Centro de Acolhimento Temporário, evidenciou que apesar de suas experiências primárias negativas, a qualidade, sensibilidade e responsividade das cuidadoras do Centro auxiliou o desenvolvimento de uma representação segura nos menores. Desse modo, os mesmos foram capazes de buscar proximidade com as figuras secundárias de apego em situações de necessidade, revelando uma possível reorganização afetiva e cognitiva sobre as relações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados do estudo confirmaram que o desenho da família se apresenta como um método confiável para identificação do Padrão de Apego das crianças. Tendo em vista as breves discussões desenvolvidas até aqui, considera-se que a Teoria do Apego é um importante arcabouço teórico para uma visão holística dos indivíduos, encarando-os como constituídos por dimensões biológica, afetiva, cognitiva e social. Sendo assim, quaisquer medidas que visem aumento do desempenho escolar das crianças, devem considerar que as mesmas já possuem



uma trajetória de vida, que pode ter sido marcada ou não pela inconsistência de cuidados primários que as condicionaram a uma determinada representação e comportamento no seu meio social.

Ainda assim, acredita-se que mesmo a figura primária de apego não represente uma base segura para a criança é possível que um convívio saudável no ambiente escolar a auxilie a mesma a se desenvolver autoconfiança, autoestima, bom desempenho acadêmico e relação sociais positivas.

## REFERÊNCIAS

AINSWORTH, M.D.S.; BLEHAR, M.C.; WATERS, E.; WALL, S. **Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation.** Erlbaum, Hillsdale, NJ, 1978.

ATTILI, G. **Ansia da Separazione e misura dell'Attaccamento normale e patológico.** Versione modificata e adattamento italiano del Separation Anxiety Test (SAT) di Klagsbrun e Bowlby. Milano: Edizioni Unicopli, 2001.

ATTILI, G.; DI PENTIMA, L.; TONI, A.; ROAZZI, A. High Anxiety attachment in eating disorders: intergenerational transmission by mothers and fathers. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 28, 2018. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4327e2813>, <https://bit.ly/2LyoC2P>.

ATTILI, G.; ROAZZI, A.; TONI, A.; DI GIANFELICE, S. Children's Family Drawings and Attachment: a Multidimensional Scaling Approach to Study Internal Working Models. *In*: Fisher, Y.; Friedman, I. A. (Eds.). **New Horizons for Facet Theory: Interdisciplinary Collaboration Searching for Structure in Content, Spaces and Measurement**, Jerusalem: Facet Theory Association Publications, 2011. p. 102-114. Doi: 10.13140/RG.2.1.3752.5528, <https://bit.ly/2uPlaXS>.

ATTILI, G.; VERMIGLI, P.; ROAZZI, A. Attaccamento dei genitori e la trasformazione delle relazioni: l'effetto sullo status sociale dei figli e il ruolo del padre. **Psicologia Clinica dello Sviluppo**, 16(2), 371-398, 2012. Doi: 10.1449/37834.

BORTOLINI, M.; PICCININI, C. A. Transmissão intergeracional do apego seguro: evidências a partir de dois casos. **Psicologia em Estudo**. Universidade Federal de Maringá, Maringá, v. 20, n. 2, p. 247-259, 2015.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** (1982). 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

DI LEO, J.H. **Children's drawings as diagnostic aids.** New York: Brunner/Mazel, 1973.

DI PENTIMA, L.; TONI, A.; ROAZZI, A.; ATTILI, G. Attaccamento, aspettative circa le reazioni dei genitori e strategie di coping in situazioni problematiche: Uno studio sui minori maltrattati. **Psicologia Clinica dello Sviluppo**, 23(2), 293-317, 2018. <https://bit.ly/2uQxdEu>.

FURY, G.; CARLSON, E.; SROUFE, L.A. Children's representation of attachment



relationships in family drawings. *Child Development*, 68(6), 1154-1164, 1997. Doi: 10.2307/1132298.

HANSBURG, H. G. **Adolescent Separation Anxiety: A Method for the Study of Adolescent Separation Problems**. Springfield, IL: Charles C. Thomas, 1972.

KAPLAN, N.; MAIN, M. **Instructions for the classification of children's family drawings in terms of representation of attachment**, Unpublished, 1986.

KLAGSBRUN, M.; BOWLBY, J. Responses to separation from parents: A clinical test for young children. *British Journal of Projective Psychology & Personality Study*, 21(2), 7-27, 1976.

MACANA, E. C.; COMIM, F. O papel das práticas e estilos parentais no desenvolvimento da primeira infância. In: PLUCIENNIK, G. A.; LAZZARI, M. C.; CHICARO, M. F. (Orgs.). **Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2015, p.34-47.

MAIN, M.; SOLOMON, J. Discovery of a new, insecure-disorganized/disoriented attachment pattern. In: BRAZELTON, T. B.; YOGMAN, M. (Eds), **Affective development in infancy**, Norwood, New Jersey: Ablex, 1986. p. 95-124.

MATOS, Débora Kardoza Rabelo. **Apego e habilidades escolares em alunos de educação infantil**. (2013). Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

MITCHELL-COPELAND, J.; DENHAM, S. A.; DEMULDER, E. K. Q-Sort assessment of child-teacher attachment relationship and Social competence in preschool. *Early Education & Development*, 8(1), 27-39, 1997.

PEREIRA, M.; SOARES, I.; DIAS, P.; SILVA, J.; MARQUES, S.; BAPTISTA, J. Desenvolvimento, psicopatologia e apego: estudo exploratório com crianças institucionalizadas e suas cuidadoras. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 222-231, 2009.

PROSEN, S.; PERGAR KUSCER, M. The preschool teacher as object of attachment. In: ROSS, A. (Ed.), **Citizenship Education in Society**, London: CiCe, 2007, p. 111-120.

SILVA, Mônica Franciele da. **Estilo Parental materno, Apego infantil e Julgamento Moral de crianças sobre qualidade da ação infantil e justiça materna**. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, no prelo.

SROUFE, L. A. Infant-caregiver attachment and patterns of adaptation in preschool: The roots of maladaptation and competence. In: PERLMUTTER, M. (Ed.), **Minnesota Symposium in Child Psychology**, Hillsdale, NJ: Erlbaum, v. 16, 1983, p. 41-81.

VASCONCELOS, Thais Sampaio Furtado de. **A influência das relações de apego entre pais e filhos na compreensão das emoções pelos filhos**. (2013). Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.